

A crítica ontológica na análise da produção do conhecimento científico *uma necessidade vital*

Ivson Conceição Silva¹ 
Centro Universitário Maria Milza, UNIMAM

Celi Neuza Zulke Taffarel² 
Universidade Federal da Bahia, UFBA

Leidiane Alves de Farias³ 
Faculdade Maria Milza, FAMAM

Resumo: O artigo apresenta as contribuições da crítica ontológica, à luz do materialismo histórico dialético, como uma necessidade vital na análise da produção científica. Problemática: quais as contribuições dos pressupostos teóricos-metodológicos da crítica ontológica, à luz da concepção materialista dialética da história, enquanto método de análise da produção científica em Educação e Educação Física? Utilizou-se da revisão bibliográfica enquanto procedimento metodológico. Se fundamenta, principalmente, no pensamento de Lukács, Marx e Engels. Aponta o trabalho como primazia ontológica da socialidade humana, defende que crítica ontológica a partir das leis e categorias da dialética materialista supera, por incorporação, as análises abstratas lógico-formais, visando apreender e transformar o real a partir dos interesses da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Crítica ontológica; Produção científica; Materialismo histórico e dialético; Educação; Educação Física.

The ontological critique in the analysis of the production of scientific knowledge a vital need

Abstract: The article presents the contributions of ontological criticism, in the light of dialectical historical materialism, as a vital necessity in the analysis of scientific production. It questions: what are the contributions of the theoretical-

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, UFBA. Membro pesquisador do projeto Epistemologia da Educação Física-EPISTEF-Nordeste no LEPEL/FACED/UFBA-FE-UNICAMP. Professor do Centro Universitário Maria Milza-UNIMAM. Professor da rede municipal de Governador Mangabeira. Formador do Programa Escola da Terra-PRONACAMPO, UFBA. Tutor da especialização em Educação, Pobreza, Desigualdade Social, UFBA,  ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4256-574X>, e-mail: silva.ivson@gmail.com.

² Pós-Doutora pela Universidade de Oldenburg, Alemanha. Professora titular da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Pesquisadora de Produtividade do CNPq,  ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3593-4279>, e-mail: celi.taffarel@gmail.com.

³ Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, UFBA. Professora da Faculdade Maria Milza, FAMAM,  ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4256-574X>, e-mail: defariasleidiane@gmail.com.

methodological assumptions of ontological criticism, in the light of the dialectical materialist conception of history, as a method of analysis of scientific production in Education and Physical Education? A bibliographic review was used as a methodological procedure. It is mainly based on the thought of Lukács, Marx and Engels. It points to work as the ontological primacy of human sociality, defends that ontological criticism based on the laws and categories of materialist dialectics overcomes, by incorporation, logical-formal abstract analyses, aiming to apprehend and transform reality based on the interests of the working class.

Keyword; *Ontological critique; Scientific production; Historical and dialectical materialism; Education; physical education.*

La crítica ontológica en el análisis de la producción del conocimiento científico una necesidad vital

Resumen: *El artículo presenta los aportes de la crítica ontológica, a la luz del materialismo histórico dialéctico, como una necesidad vital en el análisis de la producción científica. Se cuestiona: ¿cuáles son los aportes de los presupuestos teórico-metodológicos de la crítica ontológica, a la luz de la concepción materialista dialéctica de la historia, como método de análisis de la producción científica en Educación y Educación Física? Se utilizó como procedimiento metodológico una revisión bibliográfica. Se basa principalmente en el pensamiento de Lukács, Marx y Engels. Señala al trabajo como la primacía ontológica de la socialidad humana, defiende que la crítica ontológica basada en las leyes y categorías de la dialéctica materialista supera, por incorporación, los análisis abstractos lógico-formales, con el objetivo de aprehender y transformar la realidad a partir de los intereses de la clase trabajadora.*

Palabras-clave: *crítica ontológica; producción científica; Materialismo histórico y dialéctico; Educación; Educación Física.*

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de discutir a crítica ontológica na análise da produção científica está evidente nos limites apresentados em trabalhos acadêmicos que se referem ao “estado da arte” ou, ao “balanços da produção do conhecimento científico”. Esta é uma problemática vital que deve ser enfrentada com pressupostos analíticos que superem a lógica formal.

Com o objetivo de contribuir com a superação destes limites, apresentamos contribuições a respeito dos pressupostos teóricos-metodológicos que fazem da crítica ontológica, à luz da concepção materialista dialéctica da história, um método para análise da produção científica na área da Educação Física. Entende-se o método enquanto atividade humana complexa que culmina com a expressão do concreto real no pensamento, enquanto uma mediação, não sendo reduzido ao aparato técnico-instrumental, nem prescindindo da concepção de ser humano-sociedade-natureza, de ciência-conhecimento, de educação-

formação, dos processos valorativos, de Educação Física e de um projeto histórico (FREITAS, 1987) superador do sistema sociometabólico do capital (MÉSZÁROS, 2009)

A consideração da matriz analítica que recupera a dialética materialista como lógica e teoria do conhecimento (KOPNIN, 1978) é uma posição teórico-política de superação, por incorporação, daquelas que não consideram a realidade à luz do modo de produção capitalista e se atrelam à lógica formal de pensar a ciência.

Delimitamos, portanto, o seguinte problema científico: quais as contribuições dos pressupostos teóricos-metodológicos da crítica ontológica, à luz da concepção materialista dialética da história, enquanto método de análise da produção científica em educação e Educação Física? Para a incursão metodológica nos apropriamos da revisão bibliográfica (GIL, 2002), com finalidade de expormos os princípios fundamentais do método analítico expostos pelos autores.

Tanto Marx (2009) quanto Lukács (2013) consideram o trabalho de transformação da natureza em objetivação social, ato decisivo que permite a satisfação humana de primeira e segunda ordem. A apreensão desse fato fundamental da vida humana-social é uma condição necessária para que possamos alcançar graus de abstrações sobre as determinidades da totalidade social na relação sujeito-objeto e na produção científica. Portanto, a premissa ontológica, da produção do conhecimento, tem no trabalho o pressuposto de seu desenvolvimento.

A crítica ontológica não se interessa, apenas, sobre o que indivíduos pensam acerca da realidade, mas buscar revelar os condicionantes históricos que influem na forma de pensar do ser humano. Compreende-se que a realidade é uma síntese multideterminada (MARX, 2009), e sua cognoscibilidade uma possibilidade efetiva para intervenção humana. Para incursão no desvendar da realidade, considera a ciência como uma “tentativa de entender e explicar racionalmente a natureza, buscando formular leis que, em última instância, permitam a atuação humana (ANDERY, 2007. p. 13).

Considera-se que a produção científica, a ciência em geral, é um complexo que condiciona e é condicionado por outros complexos sociais por via da legitimação ou refutação à estrutura socioeconômica do capital. Isso exige, no processo de investigação, a apreensão relação entre indivíduo e gênero, o biológico e o social, parte e totalidade,

objetividade e subjetividade, causa e efeito, contingência e necessário, tempo e espaço, leis e categorias da dialética para que a exposição tenha uma aproximação mais fidedigna da realidade concreta.

2 A CONSTITUIÇÃO ONTOLÓGICA DO CONHECIMENTO HUMANO AS TESES MATERIALISTA HISTÓRICA E DIALÉTICA.

Para que se possa, de partida, trazer ao debate sobre os fundamentos da crítica ontológica do conhecimento humano científico à luz da concepção materialista e dialética da história, recorre-se aos escritos de Marx e Engels (2007) desenvolvidos entre os anos 1845 e 1846, na obra *A ideologia alemã*, na qual os autores produzem uma crítica contundente à Feuerbach quando, apesar da sua posição materialista, reduz o projeto de libertação humana à consequência da contemplação do mundo sensível, ou seja, um produto da autoconsciência. Para os autores, é preciso compreender que libertação humana é um ato histórico, significa que é um produto teleologicamente guiado das ações humanas ativas. Portanto, para o ponto nodal do debate ontológico, é preciso, antes de tudo, reconhecer que:

O primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições para poder ‘fazer história’. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta, e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para satisfação dessas necessidades, a produção da vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história [...]. (MARX; ENGELS, 2007, p. 32-33)

Desse pressuposto desdobram-se mais dois: a ampliação das necessidades humanas, pois ao suprir as primárias, emergem outras no plano secundário; e, com esta, avultam-se o acervo cultural humano e a renovação da espécie humana pela reprodução biológica, culminando no crescimento da população.

A apreensão desses constituintes fundantes da vida humana-social é uma condição necessária para que se possa alcançar um elevado grau de abstração sobre os elementos determinantes da totalidade social no processo de produzir conhecimentos (cotidiano e científico).

No âmbito geral, os seres humanos precisam responder às necessidades que são colocadas de forma imediata, mediata e histórica pela realidade concreta. Isso só pode ser realizado com mobilização de diferentes capacidades que são germinadas, desenvolvidas e aperfeiçoadas no metabolismo do ser humano com a natureza e com outros membros da sociedade pelo trabalho. Colocar-se-ão em movimento suas capacidades físico-intelectuais para resolvê-las, mas não as colocam de qualquer forma, e sim de maneira intencional, haja vista, como afirmam Marx e Engels (2010), que os problemas reais só podem ser resolvidos praticamente, do oposto, tudo se resolveria pela dimensão contemplativa da realidade.

Antes de qualquer ação exigida pelo real, o ser humano precisa planejá-la, ter idealmente um objetivo definido daquilo que se pretende alcançar e com quais meios realizará tais tarefas. Para Lukács (2013, 2018), o instante que precede e guia o ato humano é a prévia-ideação.

O trabalho é a expressão correspondente às necessidades humanas essenciais que permite ao ser humano agir conscientemente para adequar a natureza ao seu projeto, diferenciando-se dos outros membros animais, que agem instintivamente. Foi essa atividade que possibilitou ao ser humano confrontar-se com o objeto que pretendia apropriar-se, abstraí-lo da realidade, desenvolver instrumentos, técnicas e ferramentas do pensamento que lhes permitissem diferentes graus de aperfeiçoamento de sua prática.

Marx (2009), na discussão ontológica sobre a natureza imanente, demonstra como o sentido primário da vida humano-social é a liberdade produtiva, assentada numa atividade conscientemente livre, o que difere dos demais membros da natureza.

O animal é imediatamente um com sua atividade vital. Não se distingue dela. É *ela*. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente, esta não é uma determinidade (*Bestimmtheit*) com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis porque a sua atividade é atividade livre. (MARX, 2009, p. 84, grifo do autor)

A atividade humana é sempre uma busca de resposta para uma necessidade advinda da realidade, todavia, não se trata de uma relação imediata e retilínea. O ser humano precisa questionar e se valer do que fora produzido até o seu tempo histórico para que sua ação se

torne exitosa. Isso consiste na capacidade de generalização e síntese que só a consciência humana é capaz de realizar.

O movimento que se sucede na convergência entre o ser (natural) e o não ser (social) é síntese de uma relação primitiva que evoluiu em diferentes estágios de uma matéria que age sobre a outra para sua transformação qualitativamente superior. Todavia, à medida que o ser humano deixa de ser puramente natural e passa a expressar sua síntese predominante na esfera social, tratar-se-á de reconhecer que há um processo intermitente, incessante e dialético que faz da evolução da relação do ser humano com a natureza uma ampliação de si, tendo como fator decisivo a consciência.

Lukács (1969) afirma que, diferentemente das posições idealistas, a consciência tem que se tornar uma força efetiva para que o ser se torne social.

[...] na delimitação materialista entre o ser da natureza orgânica e o ser social, um papel tão decisivo é atribuído à consciência. Mas não devemos esquecer que o complexo de problemas aqui apresentados (seu tipo mais elevado é liberdade e necessidade) só pode receber um sentido autêntico – precisamente, ontologicamente – graças a uma participação ativa da consciência. Enquanto a consciência não se tornar uma força efetiva de ser, essa oposição não pode ocorrer de maneira alguma. (LUKÁCS, 1969, p. 7)

Apesar de exercer um papel central, do ponto de vista ontológico, nas resoluções dos problemas atenuados na realidade concreta, não se trata de colocar a consciência no primeiro plano perante a matéria, mas de compreender que a consciência é uma conquista histórica que faz a mediação da atividade humana, ou seja, da prática, da ação transformadora da matéria, do ato teleologicamente posto com o seu produto final, sendo este uma consequência do reflexo que é apreendido do movimento da totalidade social, permitindo a formação de um novo do ser, a liberdade perante a necessidade.

O fato de ter fixado, no plano das ideias, um objetivo, de ter alterado o estágio primitivo do objeto confrontado (matéria-prima), de ter se valido de instrumentos e logrado êxito, provisório, no conjunto da atividade, não significa que as ideias antecederam o ato, mas o oposto. É o ato de trabalho, como consequência da realidade concreta, que mobiliza diferentes dimensões das funções psicológicas superiores dos seres humanos (MARTINS, 2013).

Superando a dimensão abstrata da causalidade e teleologia, mas estabelecendo sua condição inseparável, é possível constatar que o ato de conhecimento advém do fato de o ser humano perquirir os melhores meios para efetivação do pôr teleológico concreto, sendo este o elemento causal da alteração substantiva da objetividade para lograr o fim.

Desta forma, o fim parece assumir uma importância suprema, relegando aos processos investigativos contidos no meio uma posição de menor monta. Isso ocorre pela apreensão imediata do resultado, que apresenta a face mais fenomênica do processo de trabalho, o produto, pois é esse que de prontidão vai satisfazer a necessidade social. Todavia, se os meios não forem bem estabelecidos, pelos conhecimentos acumulados anteriormente, a dinâmica entre objetivação e exteriorização pode ser fracassada. Lukács (2013, p. 56-57) afirma que:

Nunca se deve perder de vista o fato simples de que a possibilidade de realização ou fracasso do pôr do fim depende absolutamente de até qual ponto se tenha, na investigação dos meios, conseguido transformar a causalidade natural em causalidade – falando em termos ontológicos – posta. O pôr do fim nasce de uma necessidade humano-social; mas, para que ela se torne um autêntico pôr de um fim, é necessário que a investigação dos meios, isto é, o conhecimento da natureza, tenha chegado a certo estágio adequado; quando tal estágio ainda não foi alcançado, o pôr do fim permanece um mero projeto utópico, uma espécie de sonho [...]

Esse perquirir, confronto imediato e constante com a natureza, é o ponto de partida para a análise e produção de conhecimento. O que não significa que toda ação humana consiste em um conhecimento correto sobre a natureza, considerando que seu caráter histórico consiste na transitoriedade, mas é uma condição para tal. Aqui, manifestam-se rudimentos ontogenéticos que articulam a prática imediata ao conhecimento científico. Ou seja, o estabelecimento da relação imbricada entre a teoria e a prática.

O conhecimento que se apresenta nesse primeiro momento ainda é um reflexo das sensações, percepções e da empiria que resvala por uma representação desconexa dos elementos constitutivos, tanto da ação, em processo, quanto do objeto que culminou num dado resultado, que precisará de um contínuo para que possam ser apreendidos seus nexos e relações causais, noutras palavras, pelo conhecimento científico.

O processo dialético de produção de conhecimento é um permanente perguntar e responder que, para ser uma apreensão verdadeira do objeto, precisa refletir na consciência humana a realidade que é exterior a ela, estabelecendo seus nexos, relações, reciprocidade e distanciamento. Caso contrário, ocorre uma representação da própria consciência sobre a realidade, impossibilitando uma dimensão objetiva do conhecimento. Trata-se de um falseamento da realidade, uma vez que é uma representação caótica do todo (KOSIK, 1976).

A premissa ontológica, da produção do conhecimento, tem no trabalho o pressuposto de desenvolvimento. Porém, para não se adotar posturas deterministas ou puramente unilaterais, destaca-se a sinalização de Lukács (2013), para quem o trabalho é proforma do ser social, isto é, o ser social não se limita ao trabalho, porque uma vez tornado produto da totalidade social sofre suas condicionalidades.

Não obstante, o conhecimento produzido no ato de trabalho é uma condição necessária e circunscrita à atividade humana, que distingue o ser e sua consciência à medida que torna o ser consciente. Sem essa distinção, a objetivação, transformação das conexões causais naturais em postas, não acontece, limitando o prosseguimento da história real.

Marx e Engels (2007) demonstram, na crítica a Stirner, como isso aconteceu na filosofia moderna ao tratar daquilo que ele adjetivou de reino dos espíritos da filosofia.

As ideias e pensamentos dos homens eram, está claro, ideias e pensamentos sobre si mesmos e sobre suas relações, sua consciência de si mesmos e dos homens, pois era uma consciência não apenas da pessoa singular, mas da pessoa singular em conexão com toda a sociedade e de toda a sociedade na qual eles viviam. As condições, deles independentes, nas quais produziam sua vida, as formas necessárias de intercâmbio ligadas a essas condições, as relações pessoais e sociais por elas engendradas, tiveram que assumir a forma – na medida em que eram expressas em pensamentos – de condições ideais e relações necessárias, isto é, tiveram de ser expressas na consciência, como determinação surgida do conceito de homem, da essência humana, da natureza do homem, do homem. (MARX; ENGELS, 2007, p. 184, grifos dos autores)

Trata-se da transmutação dos sujeitos produtores da sua própria história pelos conceitos destes na história, retirando os condicionantes da forma como o ser se porta conscientemente.

Para a concepção materialista histórica e dialética, o processo de produzir conhecimento consiste na relação entre objetivação e exteriorização e entre objetivação e

subjetivação. Para Marx (2009), a objetivação é o processo em que o trabalhador emprega os meios, instrumentos e técnicas, para fixar num dado objeto seu trabalho. Disso decorre a necessidade de evocar conhecimentos precedentes para alcançar determinado fim projetado pela consciência, colocando a subjetividade em constante movimento desde o início do processo.

No processo de objetivação, afirma Marx (2009, p. 81), “o trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior sensível. Ela é matéria na qual o trabalhador se efetiva, na qual [o trabalho] é ativo, [e] a partir da qual [o trabalho] produz”. É nesse ato de transmutar a natureza para suprir suas necessidades que o ser se apropria dos elementos exteriores, demandando de si uma compreensão, ressignificação e sistematização da forma como vai converter os elementos naturais em sociais.

Pela subjetividade o ser humano capta, reflete e abstrai a realidade em sua concretude, pois para transformá-la tem que dispor de um conhecimento que corresponda, ainda que aproximadamente, ao que ela precisamente é. Nessa processualidade o conhecimento é generalizado ao ponto de não mais retroceder na história.

A tese central na concepção materialista e dialética da história parte do pressuposto de que o conhecimento está ligado à atividade humana. Esse processo social é o gerador de conhecimento que vai historicamente sendo elaborado e sistematizado pelo conjunto da humanidade e que precisa, constantemente, ser criticado em seus fundamentos ontológicos para novos saltos qualitativos da sociabilidade humana.

3 A CRÍTICA ONTOLÓGICA MATERIALISTA, HISTÓRICA E DIALÉTICA À PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA

A produção da ciência não pode se colocar diante dos problemas da sociedade numa posição de neutralidade como sugerem as posições positivistas clássicas, neopositivistas, estruturalistas, irracionalistas/pós-modernas, precisa assumir uma posição de classe numa sociedade dividida pelo antagonismo capital *versus* trabalho.

Assumir a neutralidade numa conjuntura profascista que ataca a democracia, acentua o sexismo, o machismo, a homofobia, a xenofobia, o racismo, impõe a retirada de

direitos sociais conquistados pela luta histórica da classe trabalhadora e de militarização da vida, é tentativa infundada de fugir da realidade como se esta fosse uma pura representação do sujeito, uma abstração sem correspondência com sua concretude, além de uma conformação com tudo que está posto diante de si sem movimento para sua transformação. É conotar uma posição a favor dos interesses dominantes, do grande capital, mas sem explicitamente se comprometer com esse projeto societário.

Segundo Lukács (2015) trata-se de uma escolha-decisão entre alternativas de um conjunto de teorias, uma doutrina, que julga ser mais adequada para compreender, explicar e agir na realidade e, conseqüentemente, deixar de lado outras perspectivas teóricas.

Nessa direção, a produção da ciência, enquanto realidade objetiva transposta para o plano das ideias, não é algo alheio ao ser humano, mas o pôr do fim da atividade intelectual humana, uma consequência dos atos de trabalho humano, tornando, inclusive, um instrumento de ampliação das referências para novas formas de pores teleológicos entre alternativas.

Ao adentrar no debate sobre a produção do conhecimento, em específico, em Educação e Educação Física, torna-se evidente o domínio das tendências teóricas que se detêm na singularidade (a parte como única determinação do objeto investigado), preconizam a fragmentação de tudo, inclusive do conhecimento, atenuam a diversidade sem compreender a totalidade social da qual faz parte cada elemento do diverso (GAMBOA 2007; SILVA E SACARDO 2017; SILVA, 2020;).

Por conseguinte, defendem o individualismo, a naturalização dos fenômenos sociais fruto das respostas às necessidades colocadas pela realidade concreta e a impossibilidade de conhecer o real em suas múltiplas determinações e, conseqüentemente, de incidir para transformá-lo.

Por outro lado, tem-se a tendência que concebe as coisas como imutáveis, estanques, dadas aprioristicamente, a realidade como um beco sem saída e a neutralidade e o imobilismo enquanto a posição a ser assumida pelo ser humano frente aos problemas latentes da prática social (SILVA E SACARDO 2017)

Duas posições coerentes dentro das suas formas de conceber o mundo e o ser humano. Assim, não cabe o julgamento entre certo ou errado, que por sinal não é uma tarefa

da ciência, mas do restrito campo do senso comum. Todavia, cabe afirmar que essa forma de significar o real deve ser criticada, não abstratamente, pois estar-se-ia cometendo o mesmo deslize, reproduzindo, através da crítica, valores da ordem vigente do capital, ainda que se compreenda que essa é uma posição de classe assumida pelos intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 1999) das classes sociais dominantes, mas é preciso romper e recuperar a crítica ontológica do ponto de vista materialista e histórico porque seu compromisso é com a classe trabalhadora .

Mas o que significa uma crítica ontológica materialista histórica e dialética? Significa ser radical, ir à raiz do problema, expor seus fundamentos, como afirmou Marx (2010b), na introdução à *Crítica do direito de Hegel*; separar, apresentar e descrever fragmentos por fragmentos, determinações por determinações, compreender cada fragmento como uma unidade, síntese de múltiplas determinações, únicos, como uma totalidade, mas, também, como uma das partes que estão envoltas numa totalidade maior, que é a social.

A crítica necessita ser rigorosa, valer-se de instrumentos, método, técnicas e teorias tendo como centralidade o a estrutura lógica-metodológica-epistemológica; precisa ter nítido de que a prática social (sincrética) é o ponto de partida e chegada noutra patamar qualitativo (sintética) (SAVIANI, 2009). Necessita retomar a reflexão filosófica e científica de conjunto, o que implica no estabelecimento dos nexos, do movimento contraditório, da relação dos determinantes entre si que não são revelados no primeiro momento da captação descrição do objeto investigado, ou seja, é a busca incessante de superação da aparência fenomênica para adentrar à essência (KOSIK, 1976).

Na crítica dialética ao pensamento metafísico de Descartes, Spinoza Diderot e Rousseau, Engels (2015) instrumentaliza teoricamente ao ressaltar que os elementos essenciais para pensar a universalidade, numa visão de conjunto dos fenômenos, consistem na explicação de seus pormenores que a compõe, posto que:

Quando submetemos a natureza ou a história humana, ou a nossa própria atividade intelectual, à análise pensante, o que nos salta à vista, em primeiro lugar, é a imagem de um entrelaçamento infinito de interconexões e interações, no qual nada permanece o que e como era nem onde estava, mas tudo se move, se modifica, devém e fenece. [...] Para conhecer esses pormenores, temos que retirá-los de seu contexto natural ou histórico e examinar cada um deles quanto à sua constituição, suas causas e seus efeitos específicos etc. [...] Num exame mais

preciso, descobrimos também que os dois polos de um antagonismo, como positivo e negativo, são tão inseparáveis um do outro quanto opostos um ao outro e que, apesar de todo o seu caráter antagônico, interpenetram-se reciprocamente; descobrimos igualmente que causa e efeito são representações que só têm validade como tais quando aplicadas ao caso individual, mas, assim que examinamos o caso individual em sua conexão universal com a totalidade do mundo, causa e efeito se fundem, se dissolvem na noção da interação universal, na qual causas e feitos trocam continuamente sua posição, e o que agora aqui é efeito depois e ali se transforma em causa, e vice-versa. (ENGELS, 2015, p. 49-51)

Engels apresenta, assim, um apontamento essencial de como a crítica ontológica materialista histórica e dialética deve refletir a dinâmica da realidade exterior no pensamento: a análise da singularidade do objeto/fenômeno pelo movimento da reciprocidade entre suas propriedades na particularidade e na generalidade superando a relação imediata de causa e efeito. Portanto, o cuidado analítico consiste na observação daquilo que se apresenta sob uma circunstância, que nem sempre é o que verdadeiramente está posto, sendo, pois, preciso considerar outras esferas determinantes daquilo que está sendo investigado a partir de sua história.

Na crítica ontológica as conexões estabelecidas entre partes estão na lógica dialética enquanto teoria do conhecimento, haja vista que fazem parte de uma mesma processualidade, não cabendo antinomias como proposto pela lógica-formal (KOPNIN, 1978) porque o objeto congrega em si sua própria negação e seu vir a ser. Por isso a noção de totalidade não é restrita ao formalismo, como soma das partes, e nem concebida como tudo, mas calcada no movimento de determinantes históricos que saturam e enriquecem o objeto investigado.

Isso significa que o devir analítico não fica no âmbito intrínseco do conhecimento ou das posições dos pesquisadores frente ao mundo, uma vez que se constituiria um deslize metodológico e um conservadorismo do ponto de vista político. É preciso buscar no modo de produção e redução da existência, nas contradições entre o estágio de desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais de produção aquilo que se pretende alcançar, pois o ser humano, indivíduo, é síntese da genericidade humana (LUKÁCS, 2015).

Kosik (1976), ao tratar sobre a materialidade histórico-social do ser humano, a partir do entrelaçamento entre objetividade e subjetividade, nos indica três aspectos fundamentais

que devem sustentar a crítica ontológica materialista histórica e dialética, pois no processo de produção e reprodução da vida os seres humanos produzem:

a) os bens materiais, o mundo materialmente sensível, cujo fundamento é o trabalho; b) as relações e as instituições, o complexo das condições sociais; c) e sobre a base disto, as ideias, as concepções, as emoções, as qualidades humanas e os sentidos correspondentes. Sem o sujeito, estes produtos sociais do homem ficam privados de sentido, quanto o sujeito sem os pressupostos materiais é uma miragem vazia. A essência do homem é a unidade de objetividade e subjetividade (KOSIK, 1976, p. 126)

Assim, a produção científica é apreendida enquanto um reflexo, mediado pela consciência através de leis e categorias da dialética⁴, da realidade que não se confunde com a própria realidade, mas tem nela seu fundamento. Dessa forma, será possível apreender os fundamentos ontológicos essenciais que fazem parte de um conhecimento e a posição do pesquisador na luta pela conquista ideológica para manutenção ou ruptura da sociedade cindida em classes sociais.

Na crítica proferida por Marx (2010), na obra *Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução*, à religião desenvolvida pelos filósofos alemães, fica evidente qual deve ser o pressuposto ontológico dessa atividade humana: buscar no ser humano sua verdadeira realidade efetiva. Criações humanas só podem ser explicadas por seus e a partir de seus criadores. Prossegue afirmando que a religião é uma criação humana, portanto, seu fundamento é um ato histórico, sendo assim:

A supressão [*Aufhebung*] da religião como felicidade *ilusória* do povo é a Exigência da sua felicidade *real*. A exigência de que abandonem as ilusões acerca de uma condição é a exigência de que abandonem uma condição que necessita de ilusões. A crítica da religião é, pois, em germe, a crítica do vale de lágrimas, cuja auréola é a religião. A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o Homem suporte grilhões desprovidos de fantasias ou consolo, mas para que se desvencilhe deles e a flor viva desabroche. A crítica da religião desengana o homem a fim de que ele pense, aja, configure a sua realidade como um homem desenganado, que chegou à razão, a fim de que ele gire em torno de si mesmo, em torno de seu verdadeiro sol. A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não gira em torno de si mesmo. Portanto, a tarefa da história, depois de desaparecido o além da verdade, é estabelecer a verdade do aquém. A tarefa imediata da filosofia, que está a serviço da história, é, depois de desmascarada a forma sagrada da autoalienação [*Selbstentfremdung*] humana,

⁴ Considerando o espaço do texto é possível tratar de cada uma, mas indicamos a leitura da obra de Cheptulin Leis e categorias da dialética

desmascarar a autoalienação nas suas formas não sagradas. A crítica do céu transforma-se, assim, na crítica da terra, a crítica *da religião*, na *crítica do direito*, a *crítica da teologia*, na *crítica da política*. (MARX, 2010, p. 145-146, grifos do autor)

Nesse sentido, a crítica não pode ser deslocada para outra dimensão, mas, necessariamente, tem que se manter na própria forma como os seres humanos estabelecem sua sociabilidade. Contra qualquer perspectiva crítica que seja reduzida aos aspectos teóricos, Marx e Engels (2011) abrem os rumos para que essa seja um meio pelo qual os sujeitos tomem consciência das contradições que estão postas nas condições de vida e tenham ferramentas teóricas para os seus desdobramentos práticos na mudança qualitativa da sociabilidade atual.

Portanto, a crítica não pode ter fim em si mesma, seu sentimento é de indignação, sua atividade o fundamento para que as tarefas de alteração das condições materiais sejam efetivadas pela práxis emancipatória. É preciso, pelas vias reais, demonstrar as condições de opressão que a sociedade burguesa imprime por diferentes instrumentos, inclusive pelo conhecimento científico, com o sentido de promover a conformação social, tratando-o abstratamente como se fosse algo criado fora das relações humanas.

A crítica, ao assumir uma posição ontológica, demanda que seus representantes tenham a compreensão de que qualquer ideia é uma representação condicionada e condicionante da realidade concreta. Enquanto uma contemplação do mundo, aludem Marx e Engels (2010), que não basta a crítica das ideias, é preciso encarar um mundo como um constructo social, logo, passivo de alterações estruturais. Incide, assim, na compreensão de que as coisas não são do jeito que se apresentam imediatamente, mas uma forma que adquiriu na processualidade do trabalho humano correspondência ao grau de desenvolvimento das forças produtivas dos períodos históricos.

Na crítica ontológica, a disputa não toma apenas a teoria, mas, sobretudo, o movimento prático cotidiano, seja ela no âmbito político, jurídico, econômico e, principalmente, no caso específico, na produção científica. Por isso, o movimento do pensamento ocorre do simples ao complexo, ou, na expressão de Marx (2009), do concreto ao abstrato

As posições assumidas diante dessa querela só se resolvem efetivamente quando se revela o seu fundamento ontológico. Aqui reside a essência e o rigor de um conhecimento científico, a busca pela origem, da causa primária da relação sujeito-objeto, em síntese, o ser propriamente-assim da coisa que existe independentemente da forma como os seres humanos pensam. (MARX; ENGELS, 2010; LUKÁCS, 2013, 2018).

Na obra *A Sagrada Família* (a crítica da Crítica crítica: contra Bauer e consortes), Marx e Engels (2011) desenvolvem uma crítica contundente e irônica aos novos hegelianos por reconhecerem que não há nada de novo no que eles produziram contra a literatura do tempo, tratar-se-ia, para os autores, de uma continuidade da teoria hegeliana. A consequência disso é que a crítica estava de ponta-cabeça, questão que Marx já havia ajustado contas. A inversão assegurava as ideias dominantes como produtora de todos os males da sociabilidade regida pelo capital, e não o revés, o que engendra uma posição política conservadora.

Segundo a Crítica crítica, todo mal reside apenas no modo de pensar do trabalhador. É certo que os trabalhadores ingleses e franceses formaram associação nas quais não são apenas suas necessidades imediatas enquanto *trabalhadores*, mas também suas necessidades enquanto *homens* as que formam o objeto de seus mútuos ensinamentos e nas quais exterioriza, ademais, uma consciência bastante ampla e cuidadosa sobre a força monstruosa e ‘imensurável’ que nasce da cooperação. Mas esses trabalhadores massivos e comunistas, que atuam nos ateliers de Manchester e Lyon, por exemplo, não creem que possam eliminar, mediante o pensamento puro os seus senhores industriais e sua própria humilhação prática, eles sentem de modo bem doloroso a *diferença* entre *ser e pensar, entre consciência e vida*. Eles sabem que propriedade capital, dinheiro, salário e as coisas do tipo não são, de nenhuma maneira, quimeras, ideais de seu cérebro, mas criações deveras práticas e objetivas de sua própria autoalienação, e que, portanto, só podem e devem ser superadas de uma maneira também prática e objetiva, a fim de que o homem se torne um homem não apenas no pensamento e na consciência, mas também no ser massivo e na vida. (MARX; ENGELS, 2011, p. 65-66, grifos dos autores)

A vivacidade da dimensão ontológica da crítica materialista histórica e dialética reside na retirada da hipostasia pelo puro conhecer do plano das ideias, da consciência como autoprodutora das relações humanas, uma entidade estranha ao seu produtor, mas dotada de existência e autonomia perante o mundo objetivo, que se movimenta e se reproduz como uma divindade, sendo impossível de ser captada.

Para a crítica ontológica, a história é uma síntese da prática humana que engendra uma riqueza de determinações, logo a essência do objeto investigado. No proceder da crítica

a Fourier, Marx e Engels (2007) demonstram como o pensamento especulativo retira a relação imanente entre ideia e ser e trata de ajustar e diferenciar tal relação de acordo com as circunstâncias históricas, o interesse por uma ideia é de entusiasmo por ela.

A '*ideia*' sempre caiu no ridículo enquanto apareceu divorciada do *interesse*. Por outro lado, é fácil compreender que qualquer interesse de massa que passa a se impor historicamente, ao aparecer no cenário universal, transcende de forma ampla – na '*ideia*' ou na '*representação*' – os seus limites reais para confundir-se com o interesse humano de um modo geral. Essa *ilusão* forma o que Fourier chama de tônica de cada época histórica. (MARX; ENGELS, 2007, p. 98, grifos dos autores)

Será no conjunto dos processos históricos reais que as ideias passam a mediar a relação entre o ser humano e seu produto final. O interesse apresentado por Marx e Engels (2007) corresponde às necessidades historicamente postas, explicitadas por ação conscientemente ativa, na expressão de Lukács (2013), uma prática teleológica. Esse tipo de ação só pode obter êxito pela mediação da capacidade humana de refletir, analisar, abstrair, fazer generalizações sínteses, de tudo que existe no mundo real através da consciência revolucionária.

Diferente dessa condição ontológica, a crítica entusiasta é legatária da consciência ingênua (PINTO, 1960) que envolve o sujeito pelo clamor e calor do momento, mas sem ter, necessariamente, o conhecimento mínimo das coisas, seus nexos e relações, as determinações gerais, suas leis e propriedades, ficando restrita ao senso comum, um cotidiano alienado (KOSIK, 1976).

Todavia, essa destruição só pode ocorrer pela superação da consciência acrítica, baseada no senso comum, opiniões, na religião sintetizada no folclore. Gramsci (1999) postula que a massa deve desenvolver-se política e intelectualmente para não ser envolta pelo entusiasmo da luta política mecânica, e adoção da concepção de mundo de um grupo pequeno dominante que a coloca como universal, mas não representa os interesses da massa trabalhadora. Cita o autor:

O homem ativo de massa atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica desta sua ação, a qual, não obstante, é um conhecimento do mundo na medida em que o transforma. Pode ocorrer, aliás, que sua consciência teórica esteja historicamente em contradição com o seu agir. É quase possível dizer que ele tem duas consciências teóricas (ou uma consciência contraditória): uma implícita na sua ação, e que realmente o une a todos os seus colaboradores na transformação prática da realidade; e outra, superficialmente explícita ou verbal,

que ele herdou do passado e acolheu sem crítica. Todavia, esta concepção ‘verbal’ não é inconsequente: ela o liga a um grupo social determinado, influi sobre a conduta moral, sobre a direção da vontade, de uma maneira mais ou menos intensa, que pode até mesmo atingir um ponto no qual a contraditoriedade da consciência não permita nenhuma ação, nenhuma escolha e produza um estado de passividade moral e política. (GRAMSCI, 1999, p. 103)

A crítica ontológica, ao tomar o ser humano e sua relação com a natureza, no movimento do real, dotado de atributos pertencentes à esfera social predominante, situa-o na relação entre teoria e prática na perspectiva de uma unidade entre pensamento e ação, e situa o debate sobre a concepção do ser fora do terreno estritamente metafísico-idealista, haja vista que congrega o projeto socialista de sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões, provisórias, apontam que a produção científica em Educação e Educação Física ao traçar uma alternativa está comprometida com o que intercorre na sociedade, pois é expressão, tradução, representação, reflexo de como o sujeito concebe o movimento histórico e assume a sua posição de classe. Isso implica tanto a forma quanto o conteúdo, pois não é um simples pensar do pesquisador consigo mesmo, mas consequência de determinações exteriores da disputa de classes.

Nesse sentido, a crítica ontológica à luz do materialismo histórico dialético é um contributo teórico que permite ao pesquisador apreender com rigorosidade científica, no plano da abstração, as partes constituintes da produção científica a ser analisada dentro da totalidade social multideterminada.

Nessa direção, a relação entre sujeito e objeto não é de identidade nem de estranhamento, mas de unidade contraditória. O singular, o particular e o geral são partes constitutivas da totalidade social é determinante e determinado por cada uma delas. Não cabe, portanto, espaço para o imobilismo, é o movimento, a relação de causa e efeito, de realidade e possibilidade, do necessário e o contingente, da aparência e essência

Para a crítica ontológica a realidade é objetiva e o ser humano é constituinte dela, não havendo qualquer possibilidade de separação, pode conhecê-la sistematicamente e agir para

transformá-la dentro de uma concepção de mundo que atendam os anseios da classe trabalhadora fora dos parâmetros impostos pela produção destrutiva do capitalismo.

A incessante busca pela verdade, não como achado definitivo ou dogmático, pois o conhecimento é provisório porque é um processo histórico de saturação qualitativa e superação, por incorporação, do antigo pelo novo, é sua inquietação,

Assim, com base na tese defendida por Marx (2009b), considera-se o conhecimento científico enquanto uma força produtiva que ao penetrar nas massas se converte em força material, logo, um elemento concreto de disputa da relação antagônica entre capital e trabalho e alteração das opressões e injustiças sociais pela transformação social.

Na crítica ontológica, materialista histórica e dialética, é sempre preciso identificar a raiz do problema de forma racional, sem cair no puro racionalismo, ou nos devaneios do idealismo, mas também sem ser objetivista. É preciso estabelecer no pensamento uma relação de reconhecimento do movimento da reciprocidade dialética para que os comportamentos adotados, pela produção científica, às necessidades humanas correspondam ao grau de desenvolvimento da realidade concreta, e possam promover reviravoltas no rumo da história por uma alternativa que preze pelo bem comum, por via da emancipação humana, em oposição à liberdade burguesa do direito à propriedade privada dos meios de produção.

REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amália Pie Abib *et al.* **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. Garamond, São Paulo, 2007.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Duhring:** a revolução da ciência segundo senhor Duhring. São Paulo: Boitempo, 2015.

FREITAS, Luís Carlos de. Projeto histórico, ciência pedagógica e 'didática'. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 27, p. 122-140, set. de 1987.

GAMBOA, Silvio Ancizar Sanchez. **Reações ao giro linguístico:** o “giro ontológico” ou o resgate do real independente da consciência e da linguagem. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE/CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15. E 2., 2007, Recife. **Anais [...]**. Recife: CONBRACE, CONICE, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere: Introdução ao estudo da filosofia**. A filosofia de Benedetto Croce. Edição e tradução: Carlos Nelson Coutinho. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

KOPNIN, Pável Vasílievich. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, Georg. **Para compreender a ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, Georg. **Para compreender a ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2018.

LUKÁCS, Georg. **Reboquismo da dialética: uma resposta aos críticos de história e consciência de classe**. São Paulo: Boitempo, 2015.

LUKÁCS, Georg. **Los fundamentos ontológicos del pensamiento y la acción humana**. Conferencia. Publicada por primera vez en ad lectores 8. Neuwied y Berlín: Luchterhand Berlín: Luchterhand, 1969. Disponível em: <https://omegalfa.es/autores.php?letra=&pagina=15#>. Acesso em: 13 mar. 2019

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Tradução Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010b.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A sagrada família** ou A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes. Tradução e notas de Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Estrutura social e formas de Consciência I: A dialética da Estrutura e da História.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** 18. ed. rev. Campinas/SP: Autores Associados, 2009.

SACARDO, Micheli Silva, SILVA, Regis Henrique dos Reis. Para a crítica da produção do conhecimento. **Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 9, n. 2, p.1-4, ago. 2017.

SILVA, Ivson Conceição Silva. **Crítica ontológica à fragmentação das premissas teóricas e programáticas na produção/circulação do conhecimento em Educação Física no estado da Bahia.** 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

Recebido em: 28 de novembro de 2022

Aceito em: 3 de janeiro de 2022

Publicado online em: 3 de janeiro de 2022